



miguilim

revista eletrônica do nefli

volume 9, número 3, set.-dez. 2020

O DISCURSO RELIGIOSO E VIOLENTO EM *O CONTO DA AIA*: O EMBATE DE VOZES EM A CERIMÔNIA



THE RELIGIOUS AND VIOLENT DISCOURSE IN *THE HANDMAID'S TALE*: THE COMPETING VOICES IN THE CEREMONY

Luísa FREIRE

Universidade Federal do Rio Grande, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 02/05/2020 • APROVADO EM 08/10/2020

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgrend.v9i3.2353>

Resumo

Desenvolvido no âmbito dos estudos dialógicos do discurso, o presente artigo almeja realizar a análise de dois enunciados-cenas do romance distópico *O conto da aia*, de Margaret Atwood. Estas correspondem aos dois momentos centrais da Cerimônia, ritual mensal que ocorre nas casas dos políticos mais poderosos de Gilead. O estudo consiste em examinar o embate de vozes que se verifica em signos ideológicos específicos empregados pela protagonista-narradora, bem como as forças centrípetas e centrífugas em ação nos enunciados. Para tal, fundamenta-se na teoria dialógica e enunciativa do Círculo de Bakhtin, com destaque aos conceitos indicados, como as forças centrípetas e centrífugas, o signo ideológico e a sua capacidade refletir e refratar sentidos. A análise desse evento, a partir de um olhar dialógico, possibilitou que se depreendesse o diálogo entre a voz da protagonista e a organização social de Gilead – alicerçada em um discurso religioso colorido por violência. Assim, sob a luz da teoria dialógica bakhtiniana, evidenciaram-se as relações entre a obra e a contemporaneidade.

Abstract

Developed within the scope of the dialogic discourse studies, the present article aims to analyse two utterances-scenes from *The handmaid's tale*, written by Margaret Atwood. These scenes correspond to two central moments in the Ceremony, a monthly ritual that takes place at the houses of the most powerful men of Gilead. This study consists in examining the competing voices present in specific ideological signs employed by the protagonist-narrator, as well as the centripetal and centrifugal forces in action in the utterances. Thus, this paper fundamentals itself on the Bakhtin Circle's dialogical-enunciative theory, highlighting the concepts indicated, such as the centripetal and centrifugal forces, the ideological sign and its ability to reflect and refract meanings. The analysis of this event, supported by a dialogical gaze, made it possible to understand the dialogue between the protagonist's voice and the social configuration of Gilead – rooted in a religious discourse coloured by violence. Therefore, it became evident the relations between the novel and contemporaneity, elucidated by the bakhtinian dialogic theory.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Análise dialógica. Embate de vozes. Signo ideológico. O conto da aia (1985).

KEYWORDS: Dialogical analysis. Competing voices. Ideological sign. The handmaid's tale (1985).

Texto integral

O presente artigo, elaborado no âmbito dos estudos dialógicos do discurso, tem por finalidade promover a análise de dois enunciados-cena de *O conto da aia* (1985), obra de Margaret Atwood. O estudo consiste em examinar o embate de vozes que se verifica em signos ideológicos empregados pela protagonista, bem como as forças em ação nos enunciados. Para tanto, fundamentado em uma metodologia bibliográfica, emprega-se a teoria dialógica do Círculo de Bakhtin, com destaque a alguns conceitos basilares. São eles, as noções de linguagem, enunciado, forças centrípetas e centrífugas, além do signo ideológico e seus reflexos e suas refrações. Por meio dessas noções, espera-se compreender de que maneira a violência figura discursivamente na voz religiosa presente na Cerimônia, um ritual da República de Gilead.

A organização social do país caracteriza-se por uma baixa, senão inexistente, mobilidade social. Gilead é dividida em classes e cada uma tem funções bem delimitadas e obrigatórias, constituindo um sistema autoritário. Essa obra foi escolhida em razão dos infinitos diálogos que proporciona com a atualidade, em especial, devido à onda conservadora que ciclicamente retorna e consolida-se, situação com a qual o Brasil depara-se há alguns anos.

Salienta-se, ainda, que a perspectiva feminista que atravessa a análise é interseccional, também conhecida como feminismo negro no Brasil. Como relata a filósofa Djamila Ribeiro (2018, p. 51), esse movimento feminista surgiu nos Estados Unidos, na década de 70, em razão da fundação *National Black Feminist*; impulsionado por mulheres negras que inauguraram uma literatura feminista a partir de sua perspectiva e suas vivências.

Essa perspectiva dialoga com a análise que se realizará, uma vez que “o feminismo negro não é uma luta meramente identitária, até porque branquitude e masculinidade também são identidades. *Pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos*” (RIBEIRO, 2018, p. 7. Grifos nossos). Esclarecer-se-á, no decorrer do exame dos enunciados e, conseqüentemente, da estrutura social de Gilead (contexto em que os enunciados são produzidos), que as temáticas presentes na discussão entram em tensão com a noção de projeto democráticos, ainda mais quando se transfere o debate para a contemporaneidade. Desse modo, julgou-se de suma importância indicar a perspectiva feminista por trás do olhar da autora, isto é, da interlocutora do texto; apesar de o presente artigo não se reter em questões de raça e etnia especificamente.

Este artigo percorre, primeiramente, a apresentação do embasamento teórico e dos principais conceitos empregados na análise (item 1). Em seguida, expõe-se uma breve contextualização acerca do romance e de sua repercussão (item 2), comprovando a sua presença e relevância nos discursos e movimentos sociais atuais. Após essa exposição, desenvolve-se a análise (item 3, 3.1 e 3.2), em duas subseções, dedicadas aos dois momentos centrais da Cerimônia: o prelúdio e a penetração. Por fim, tece-se algumas considerações finais no que diz respeito ao discurso e às vozes examinadas, além das tonalidades que os coloreem.

No desenrolar do estudo, depara-se com a natureza machista, patriarcal e religiosa de uma sociedade organizada pelos automeados “Filhos de Jacob”, que arquitetaram Gilead a partir do discurso bíblico de maneira conveniente. Na República, a Bíblia é tomada como Constituição, ou seja, é responsável por regular a sociedade. Nela, encontra-se o estupro como forma legitimada de reprodução; a mulher restringida ao lar e a sua capacidade reprodutiva; e a voz masculina jamais questionada. Em vista disso, para além de evidenciar a violência que atravessa o discurso, seja este machista ou religioso, identificar-se-á o vínculo nítido entre a obra e o contexto político contemporâneo. Esta relação torna-se manifesta ao ponto de entrelaçar-se à análise de modo indispensável.

1 O signo ideológico, o enunciado e os gêneros discursivos: conceitos bakhtinianos

Para compreender de que maneira pode-se partir da teoria dialógica do Círculo de Bakhtin para realização de uma análise de discursos midiáticos e, nesse caso específico, um discurso literário, torna-se essencial apreender alguns dos conceitos e das relações estabelecidos por Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov.

Delimita-se algumas noções-chave para este trabalho: a de linguagem, de enunciado e de signo ideológico, além de outras definições que as atravessam.

Para o Círculo de Bakhtin, a linguagem é fruto da interação verbal e esta só acontece entre indivíduos socialmente organizados; portanto, valores sociais são intrínsecos à linguagem, são fundamentais para sua constituição. Nesse sentido, ao contemplar-se a linguagem de um determinado arranjo social (histórico, cultural e político), evidencia-se que ela não pode ser algo homogêneo e imutável. Uma vez que ela é formada e transformada a partir de indivíduos plurais inseridos em múltiplas configurações socioculturais, torna-se inequívoco o caráter dialógico da linguagem, sendo ela sempre socialmente situada.

A enunciação (ou enunciado) é o meio pelo qual se realiza o fenômeno social da interação verbal. Em virtude de ser a unidade desta, ou seja, diretamente atrelado à noção de língua(gem), o enunciado não pode ser compreendido independentemente das relações sociais nas quais é produzido. O Círculo coloca o enunciar como atividade social intrinsecamente dialógica, além de ser a tomada de uma posição social e valorativa. Assim, Volóchinov (2018, p. 184) enfatiza que “todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais”. O enunciado é, então, constituído por já-ditos (enunciados já produzidos) e futuros dizeres; ele atua como resposta aos primeiros e suscita réplicas dos segundos. Consonante a isso, reforça-se a natureza irrepitível dos enunciados, sendo eles atualizados a cada vez que os enunciam.

À vista disso, pensando na capacidade valorativa do enunciado e dos signos que o compõe, aponta-se as duas tendências/forças manifestadas nas enunciações. As primeiras, forças centrípetas, são as estruturas que buscam monologizar o discurso, são centralizadoras e buscam convencer o interlocutor de que refutações são inviáveis. Um exemplo de discurso permeado por forças centrípetas é aquele que se pretende uma verdade absoluta (muito comum em textos religiosos). Em contrapartida, as forças centrífugas almejam contrariar e testar os discursos monologizadores, buscando expor os embates de vozes ali presentes.

Apesar de os enunciados serem individuais, de acordo com Bakhtin (2010, p. 262. Grifos do autor) cada situação de emprego da língua possui “*tipos relativamente estáveis de enunciados*”, os quais ele intitula: gêneros do discurso (ou discursivos) – diferenciados em primários e secundários. Os últimos seriam mais complexos e oriundos de um contexto cultural bastante desenvolvido e organizado (por exemplo, os cenários político e científico). Os gêneros secundários integram e transformam os gêneros primários que “se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata” (BAKHTIN, 2010, p. 263), estes originam-se em interações de caráter costumeiro, portanto, seriam mais simples.

Mikhail Bakhtin ainda relaciona a individualidade do falante com a produção de um enunciado relativamente estável, pois se nota que existiriam gêneros contribuintes para essa manifestação do falante. Dessa maneira, compreende-se que os gêneros são, até certo ponto, mutáveis e plásticos, pois possibilitam sua própria reacentuação principalmente através do modo que são empregados pelo interlocutor:

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso (BAKHTIN, 2010, p. 285).

Este projeto de discurso depende também dos signos ideológicos que tem, em sua essência, duas características principais, segundo teorizado por Bakhtin: são semióticos e são produtos ideológicos de uma realidade. Entende-se por semiótico a necessidade de o signo possuir uma representação material, algo situado exteriormente a si, como um corpo físico. Enquanto a noção de produto ideológico é apontada por Faraco (2009, p. 49) como fruto de uma situação social organizada por seres humanos. Dessa forma, o signo materializa a comunicação e a interação que se realizam.

No entanto, faz-se relevante não ignorar a realidade material do signo e prender-se somente a sua dimensão axiológica, pois é a partir da sua materialidade que, no meio social, ele absorve um significado interindividual. Um signo ideológico faz parte de uma realidade, seja sua existência material, seja sua significação, porém, ele é apto a refletir e refratar outra realidade. Perceber a capacidade do signo ideológico de refletir e refratar demanda entender que ele “é o lugar de valores contraditórios, ou seja, o lugar de embate entre múltiplas e diferentes vozes sociais” (RIBEIRO, 2017, p. 122). Essa compreensão demonstra que o signo ideológico é cercado por diversos valores em tensão, possui um caráter mutável e dinâmico. Sua mutabilidade é expressa devido à suscetibilidade de variação de sua posição valorativa, visto que o signo provém de configurações sócio históricas em constante transformação. Volóchinov (2018, p. 237. Grifos do autor) aponta ainda que “a mudança da significação sempre é uma *reavaliação*: a transferência da palavra de um conteúdo valorativo para outro”, ou seja, o signo apenas passa a assumir outra posição avaliativa.

Com base nessa compreensão, entende-se duas capacidades intrínsecas ao signo ideológico. Este, além de ser parte de uma realidade social, pode refletir e refratar outras realidades, para além de seus limites (VOLÓCHINOV, 2018). Admite-se como reflexos os significados concretos produzidos de maneira mais imediata, aqueles encontrados na superfície do signo. A refração, por outro lado, abrange os diferentes modos de dar sentido ao mundo, são as várias interpretações possíveis a partir de um signo. Essas refrações plurais e variáveis são identificadas como as vozes sociais, responsáveis pela dinamicidade e mutabilidade dos enunciados e dos signos, além de manifestarem a dialogicidade dos muitos conceitos bakhtinianos. Essa dinamicidade será descortinada na análise do discurso em foco neste artigo.

2 Contextualização e repercussão de *O conto da aia*

Offred é uma aia da República de Gilead, país conhecido anteriormente como Estados Unidos da América. Nesse sistema social, todo indivíduo possui um título e deveres, além de fazer parte de uma determinada casta. As aias, por exemplo, são principalmente responsáveis por prover filhos para as famílias poderosas. Por consequência, algumas de suas outras funções envolvem manter sua saúde física e reprodutiva. Muitas vezes fazem caminhadas ao mercado para adquirir alimentos e devem exercitar seus abdomens para um futuro parto.

As famílias da elite gileadiana são compostas por um comandante, uma esposa, uma ou duas martas (dependendo do quão poderoso é o comandante) e uma aia, se necessário – isto é, se a esposa for infértil, recai sobre ela essa culpa, pois a fertilidade do comandante nunca é questionada. As martas ficam encarregadas dos cuidados com o lar, como a limpeza da casa e o preparo das refeições. Além de Marta ser uma figura da bíblia católica, o nome provém da palavra aramaica que significa “senhora” e que hoje também é traduzida como “dona de casa”.

No tocante a este artigo, faz-se relevante saber que todo mês, a aia, a esposa e o comandante performam “A Cerimônia”. Neste, a aia é penetrada pelo comandante, com o objetivo de engravidá-la, para que proveja uma criança ao lar. Caso a aia cumpra sua incumbência, ela é transferida a uma nova casa. Caso falhe, o comandante pode demandar uma nova aia. Posto que a gravidez bem sucedida é o único meio das aias receberem qualquer privilégio, estabelece-se uma competitividade entre elas. No romance, há uma aia que faz sua caminhada mesmo grávida (quando não é obrigatório) apenas para que todas as outras saibam sobre a posição poderosa em que se encontra.

Sobre a narração de Offred, a protagonista e narradora do romance, é importante destacar que ela ainda guarda memórias de sua vida passada, oferece vislumbres de sua filha e seu marido desaparecidos. Seu relato sobre as corrupções dessa sociedade dita exímia e os acontecimentos que a cercam é interrompido pelos poucos laços que mantém com o mundo anterior. A República de Gilead observa a todos para que os respectivos encargos sejam cumpridos, mas será que em uma sociedade corrupta realmente podem existir morais? Ou até mesmo os indivíduos de mais alto título burlam suas próprias leis? A partir do relato de Offred, torna-se possível criar algumas hipóteses.

Dessa maneira, em razão dos assuntos abordados, que são essenciais à configuração social de Gilead, Atwood não classifica seu livro como ficção científica, ainda que se trate de uma distopia. Define-o no gênero de ficção especulativa, tipologia cada vez mais atribuída a obras de cunho distópico, devido as suas semelhanças com sociedades contemporâneas. Enquanto o gênero científico caracteriza-se pela representação de um cenário distanciado da realidade; a ficção especulativa diz respeito a uma configuração distópica suscetível de implantação, isto é, os mecanismos para concretizá-la estão disponíveis. No caso de *O conto da aia*, interpreta-se que sua classificação adverte sobre um futuro opressor, em que as mulheres retornam a posições domésticas obrigatoriamente e em que populações não brancas (negras, indígenas, entre

outras) são apagadas. Nesse ponto, retoma-se a advertência feita por Ribeiro (2018) no que tange à importância do feminismo interseccional para projetos democráticos.

Embora publicado pela primeira vez em 1985, o romance de Atwood suscita respostas regularmente, comprovado por suas diversas adaptações, como, cinematográfica (1990), teatral e, em 2017, na forma de seriado de televisão. Essas diferentes composições agem de modo a publicizar o livro e possibilitar o amplo consumo de seu conteúdo. A recorrente presença do romance no cenário midiático demonstra como a obra volta a fazer sentido, mesmo décadas após sua publicação, e promove o questionamento do porquê as cidadãs das mais diferentes sociedades continuam a se identificar com a realidade das aias.

Em conformidade a esse fato, no cenário sociopolítico mundial vigente, a aia de Gilead passa por um processo de constituição enquanto símbolo político de resistência. A título de exemplo, cita-se os protestos de 2018, no Brasil, contra a criminalização do direito ao aborto, em que mulheres se apresentaram vestidas como aias¹. O diálogo entre as duas realidades é evidenciado pela realidade das aias de Gilead, que têm seus direitos reprodutivos negados e seus corpos são concebidos como propriedade do Estado. Além disso, essas ações realizam-se com o objetivo de expressar um posicionamento político e demonstrar de que maneiras as mulheres e outros grupos marginalizados socialmente se sentem sob governos que seguem uma lógica patriarcal e machista.

Essa breve exposição da imagem da aia no panorama mundial é essencial para compreender-se que há, de certa forma, culturas compartilhadas por todos os continentes. Dentre elas, destaca-se a “cultura do estupro”. Tal expressão passou a figurar em discussões mundiais em razão do agravamento de casos de violência contra a mulher. Como exposto pelo Centro de Mulheres da *Marshall University* (2019), a *rape culture* é característica de um ambiente onde o crime do estupro prevalece, além da violência sexual ser normalizada e perpetuada por canais midiáticos. O processo de banalização ocorre por meio de diversos comportamentos escusados e mantenedores de uma cultura que objetifica a mulher. São múltiplas as condutas que agem em concordância com a cultura do estupro, como a imposição de padrões físicos “ideais”, culpabilização de vítimas de crimes sexuais e o incentivo a uma sexualidade masculina sem limites. Essas são apenas algumas práticas que contribuem para a conservação de uma cultura em que o homem é dominante e agressivo e a mulher, submissa e dócil, resultando em violência indiscriminada, com destaque àquela de cunho sexual.

Conforme Angela Davis (2017), os estupros são frequentemente motivados pela noção socialmente perpetuada que homens não só podem, como devem exercer seu poder sobre mulheres através de comportamentos violentos. Esse apontamento contraria as argumentações ultrapassadas sobre uma necessidade biológica masculina de manter relações sexuais, o que por si só indicaria que o direito de escolha da mulher ainda é inferior aos desejos “naturais” dos homens. É elementar compreender o estupro não somente como o crime de penetração forçada/abuso sexual, mas como o conjunto de práticas que auxiliam na normalização dessa violência específica. Logo, um olhar feminista, tal qual exposto acima, permite identificar a presença da cultura do estupro na realidade das aias,

não obstante a sociedade de Gilead não reconhecer essa noção. Essa problematização, por sua vez, será desenvolvida e exposta no decorrer da análise.

Conclui-se, portanto, a partir dessa breve contextualização, que as respostas suscitadas pelo livro são expositivas de um panorama mundial desanimador. Offred, ou a aia de Gilead, concretiza-se como símbolo de resistência em cenários sociopolíticos instáveis, seja quando a pauta é os direitos da mulher, seja quando se trata de governos autoritários.

3 A Cerimônia: religiosidade e violência no discurso gileadiano

A análise desenvolvida neste artigo enfoca a chamada “Cerimônia”². Pode-se descrevê-lo como um ritual mensal que ocorre entre o Comandante, a Esposa e a aia; o objetivo é engravidar a aia para que a casa receba uma criança. No entanto, apesar de tratar-se de um único evento, optou-se por examinar os dois momentos que constituem a Cerimônia. Os dois enunciados/cenas são: (1) a preparação, que consiste na leitura de uma passagem da Bíblia; e (2) a Cerimônia propriamente dita, isto é, o ato performado pelo Comandante³ em Offred, na presença da Esposa.

A seleção dessas cenas decorreu da linguagem empregada por Offred que, além de denunciar a consciência ainda nutrida pela aia, caracteriza-se por ser, até certo ponto, tanto comedida quanto brutal. Tenciona-se observar a atuação das forças centrífugas e centrípetas nos enunciados, focalizando-se aspectos que se centralizam e descentralizam-se no discurso. Ademais, a partir do embate de vozes, analisar-se-á o reflexo e as refrações dos signos ideológicos nas cenas, observando os valores pejorativos e violentos presentes.

3.1 Cena/Enunciado 1: O prelúdio

A Cerimônia se inicia na sala de estar da casa, considerada território da Esposa, Serena Joy. O Comandante bate na porta e entra; dentro da sala, Offred está ajoelhada; a Esposa e as duas Martas estão sentadas; e o motorista do Comandante de pé. Todos participam da primeira parte da Cerimônia: a leitura de uma passagem da Bíblia.

O livro da religião católica é mantido trancado em uma delicada caixa de latão e couro, que apenas o Comandante possui a chave: “quem sabe o que faríamos com ela, se puséssemos nossas mãos nela? Podemos ouvi-la lida em voz alta, por ele, mas não podemos ler” (ATWOOD, 2017, p. 107). Toma-se por signos ideológicos a descrição de Offred da Bíblia enquanto “instrumento incendiário” e ao apontar que ela “é mantida trancada”. Ambas caracterizações possuem um vínculo entre si: mantém-se o livro fora de alcance, pois seria perigoso caso seu conteúdo fosse compartilhado integralmente.

A noção de instrumento incendiário não é desconhecida a Offred, nem às sociedades contemporâneas. São muitos os objetos e as condutas que foram

classificados na qualidade de incendiários ao longo da história humana. *O Manifesto* de Karl Marx, por exemplo, é considerado por muitos um livro incendiário e provocativo. A valoração de algo enquanto incendiário indica o poder por trás de tal objeto e, frequentemente, refere-se àquilo capaz de ameaçar a estabilidade social. Como o projeto comunista de Marx, que acabaria com a configuração capitalista, hierárquica e mantenedora de disparidades sociais agressivas.

No caso de Gilead, a aia reserva essa palavra à Bíblia. Por quê? O livro sagrado católico é cercado por polêmicas e talvez sua capacidade de incendiar repose sobre as inúmeras de vozes interpretativas possíveis no que diz respeito ao seu conteúdo – em especial, aquelas que não concordam com o discurso religioso-católico. Isso se dá pela tendência monológica deste; sendo impositivo, o discurso constrói a ideia de uma verdade irrefutável, absoluta. Ressalta-se que o discurso religioso não é em si monológico, mas se direciona frequentemente a vozes que concordam consigo e não o questionam. Entretanto, Offred não se engana a respeito da suscetibilidade de “incêndios” caso a Bíblia pudesse ser lida e interpretada por todos. Cada indivíduo a interpretaria diferentemente, bem como cada signo abarca um embate de vozes que questionam e problematizam os sentidos produzidos.

Além disso, o signo “incendiário” não expressa questionamentos, é descentralizador, não apenas no que tange o discurso religioso bíblico, mas também o discurso machista gileadiano. Talvez Offred não consiga aprofundar tanto seu olhar, afinal está inserida nesta sociedade e em sua lógica por um tempo substancial, mas é essencial destacar quando a narradora indica “Podemos ouvi-la lida em voz alta, *por ele*, mas não podemos ler” (ATWOOD, 2017, p. 107. Grifos nossos). Para a sociedade de Gilead, é impossível que as mulheres leiam, apenas os homens em posições altas de poder podem cultivar essa prática “antiga”. De acordo com a República, a leitura é uma atividade impura para as mulheres, torna-as sujas e perigosas, mesmo que elas sejam consideradas biologicamente incapazes de serem inteligentes.

Argumenta-se, então, que o reflexo do signo “incendiário” é principalmente um: ele caracteriza algo capaz de causar incêndios. No entanto, depara-se com uma refração, consoante ao sentido figurado atribuído ao adjetivo, isto é, algo provocativo, que incita ação (por exemplo, revolucionária, transgressora). Julga-se curioso, porém, que um objeto tratado com tanto esmero por Gilead – lembra-se da graciosa caixa de latão e ouro –, possa ser tão polêmico, tão controverso. Supõe-se, talvez, que a natureza incendiária não se encontra no objeto em si, mas nas repercussões que gera e geraria.

Nesses enunciados, imagina-se que o discurso religioso pode ser contraposto à lógica de um feminismo interseccional, se os projetos democráticos são intrínsecos a esse. Um Estado que determine quem pode ou não ler, e entenda que o acesso a algo (nesse caso, ao livro religioso) pode resultar em problemas políticos, como manifestações e revoltas, não é um Estado democrático. Além disso, como apontado anteriormente, Gilead foi fundada a partir da interpretação bíblica de um grupo de homens (os Filhos de Jacob). Esse simples fato rompe com

qualquer noção de neutralidade ou igualdade nessa sociedade, pois não se trata de um projeto democrático, mas um mundo feito por homens e para homens.

Em razão de como funciona a República, Offred enxerga forças centrífugas no discurso bíblico. Ela acredita que o texto, se público, poderia ser controverso e conseguiria estimular contestações sobre o governo e o funcionamento de Gilead. Tal pensamento parece irônico, considerando que os discursos religiosos são caracterizados por uma lógica centralizadora, em que atuam forças centrípetas. Isso acontece em consequência do caráter axiomático conferido ao discurso católico, por exemplo, pois tudo é dado como divino, proveniente de uma razão maior, ou seja, inquestionável. Dessa forma, a relação entre forças centrífugas e centrípetas no enunciado é bastante interessante, consegue-se perceber a “centrifugacidade” do signo, apesar do elemento a que faz referência tender para um discurso centripetante.

Ainda nesta parte inicial da Cerimônia, o Comandante lê um trecho da Bíblia. O romance tem em sua epígrafe três versículos de Gênesis, além disso, por meio da narração de Offred, percebe-se que este trecho é central nesta fase do ritual. O destaque feito à passagem bíblia é importante, uma vez que auxilia na compreensão da lógica gileadiana e, mais importante, na lógica da Cerimônia. Em sua epígrafe, portanto, Atwood (2017. Grifos nossos)⁴ cita:

Vendo, pois, Raquel que não dava filhos a Jacob,
Teve Raquel inveja da sua irmã, e disse a Jacob:
Dá-me filhos, ou senão eu morro.

Então se acendeu a ira de Jacob contra Raquel, e disse:
Estou eu no lugar de Deus, que te impediu
O fruto de seu ventre?

E ela lhe disse: eis aqui a minha serva, Bilha;
Entra nela para que tenha filhos sobre os meus joelhos,
E eu, assim, *receba filhos por ela* (Gênesis, 30:1-3).

Nestes versículos, encontra-se uma curta narração das consequências da gravidez da irmã de Raquel, Lea. Jacob é prometido a mão de Raquel, desde que trabalhasse durante sete anos para sua família. Contudo, chegado o dia do casamento, o pai das duas irmãs, Labão, engana Jacob e casa-o com Lea, sua filha mais velha. O problema maior é quando, depois que Jacob se casa com as duas irmãs, percebe-se que enquanto Lea já lhe deu dois filhos, Raquel mostra-se infértil. A fertilidade da irmã causa grandes ciúmes em Raquel, resultando no que é exposto nos versículos destacados. Em resumo, Raquel, desesperada, pede que Jacob engravide sua serva para que tenha filhos por meio dela.

Os trechos grifados marcam sua importância no diálogo que se estabelece com o relato de Offred sobre a Cerimônia. O “entra nela” reforça a falta de livre-arbítrio, a posição subalterna tanto da aia quanto de Bilha, além de estabelecer sua passividade no processo. O mesmo ocorre em “receba filhos por ela”: a serva e a aia são um meio, guardam o feto até o nascimento. Não possuem direito algum sobre o produto e seu valor é correspondente a sua capacidade de serem bem sucedidas.

Julga-se essencial salientar o valor desses versículos tanto para a análise da cena como para a compreensão da lógica gileadiana. Eles fundamentam a principal função das aias: conceber um filho para sua respectiva “Raquel” e para o “Jacob” de sua casa. Bilha, portanto, personifica as aias, e estas se constituem como escravizadas ao lar. Nessa passagem bíblica, depara-se com uma das muitas raízes da cultura que limita a mulher ao papel de mãe e que acredita em uma maternidade compulsória (isto é, que é biologicamente determinado os desejos e sentimentos maternos das mulheres). De mesmo modo, essas noções fundamentam a posição ocupada pelas aias nas casas de comandantes: as esposas querem filhos, porém, ao não conseguirem tê-los, precisam de aias “senão morrem”. Uma vez que as aias são vistas como nada mais do que o receptáculo para as crianças dos comandantes, elas se submetem a tal ordem.

A própria roupa das aias reflete e refrata essa realidade, em que elas são subjugadas e sujeitas a diferentes violências. A vestimenta é composta por uma capa vermelha e um chapéu branco com abas que escondem o rosto das aias, além de limitar sua visão. Atwood (1998, p. xvii) explica que o vermelho representa o sangue do parto (a principal obrigação das aias), além de ser uma cor facilmente avistada em uma tentativa de fuga. Tem-se a ratificação de sua falta de liberdade, de sua posição de “escravizada”. O chapéu, por sua vez, apresenta um paralelo com os antolhos colocados em cavalos, pois ambos cerceiam a visão do usuário. A liberdade ilusória das aias é reforçada pelas restrições impostas por meio da vestimenta obrigatória, que marca sua classe social, seu dever e seu valor.

O emprego da expressão “entra nela”, por sua vez, estabelece um paralelo evidente com a parte prática da Cerimônia, isto é, a penetração. A expressão, além disso, reforça a objetificação tanto da serva como da aia, encaradas como depositórios desencadeadores da maternidade. Na seção seguinte, desenvolver-se-á essa relação de maneira mais nítida, comprovando a importância de discutir-se os versículos citados. Tanto o tom quanto a escolha de palavras de Raquel dialogam com a posição na qual a aia é posta, sendo esta considerada propriedade do lar em que se encontra. Concebe-se, portanto, os versículos de Gênesis, presentes na epígrafe do romance, como a possível fundamentação “teórica” utilizada pelos Filhos de Jacob na arquitetura do arranjo entre a Esposa, o Comandante e a aia durante a Cerimônia.

3.2 Cena/Enunciado 2: O ato

No segundo enunciado analisado, os signos ideológicos selecionados são fundamentais para prosseguir com as discussões da primeira análise. Enfoca-se a

Cerimônia na qualidade de acontecimento mensal, que se resume à penetração sexual realizada pelo Comandante na aia, com o intuito de engravidá-la.

A disposição das personagens envolvidas no ritual é a seguinte: a aia, nesse caso Offred, deita-se entre as pernas da Esposa; e ela segura os pulsos da aia enquanto o Comandante, após levantar sua saia vermelha, penetra-a. Com a finalidade de expor uma imagem fiel àquilo percebido por Offred, apresenta-se a sua própria narração dos fatos, da qual emerge um grande embate de vozes:

Abaixo [de minha saia] o Comandante está *fodendo*. O que ele está fodendo é a parte inferior do meu corpo. Não digo *fazendo amor*, porque não é o que ele está fazendo. *Copular* também seria inadequado porque teria como pressuposto duas pessoas e apenas uma está envolvida. Tampouco *estupro* descreve o ato, nada está acontecendo aqui que eu não tenha concordado formalmente em fazer. Não havia muita escolha, mas havia alguma, e isso foi o que escolhi (ATWOOD, 2017, p. 115. Grifos nossos).

A narração de Offred sobre a penetração proporciona não somente um enunciado constituído, de maneira evidente, por já-ditos e (pré)concepções acerca das palavras grifadas, como também os próprios signos carregam um embate de vozes e permitem um vislumbre dos pensamentos da aia. Assim, há um maior aprofundamento acerca da própria voz de Offred, da entonação que se depreende e da escolha de signos empregados na descrição da penetração não consensual que ocorre todo mês.

Antes de tornar-se a atenção aos signos, salienta-se o tempo verbal empregado por Offred, o presente. Ela narra como se fosse penetrada enquanto fala; no fim do livro, nas intituladas “Notas históricas” (uma palestra sobre a era Gilead), descobre-se que o relato da aia foi encontrado em forma de gravações em fitas. Pressupõe-se a relevância do tempo verbal, pois indica uma memória vívida do que acontecia consigo, Offred narra no presente, demonstrando domínio sobre sua própria história e reafirmando-se por meio dela.

Toma-se por signos ideológicos a serem analisados, as palavras grifadas no fragmento. Os quatro signos empregados perpassam os âmbitos respectivamente da linguagem vulgar, comum, científica e criminal. Salienta-se que três dos signos empregados supõem um consentimento mesmo que instintivo (como seria o caso de o signo “copular”, frequentemente associado ao discurso científico sobre procriação entre animais não humanos). Ademais, o enunciado é composto por negativas: “não digo fazendo amor”, “seria inadequado [dizer copular]” e “tampouco [trata-se de um estupro]”.

Começa-se a discutir primeiro todos os signos não descritivos da Cerimônia do ponto de vista de Offred: fazer amor, copular e estupro. “Fazer amor” tem a palavra amor em sua estrutura, supõe-se amor na qualidade de um sentimento valorado positivamente. Logo, é compreensível que a aia não considere tal expressão como fiel ao ritual. Afinal, não há amor presente, a própria narradora

não faz questão de explicar porque tal expressão não se encaixa no que tange a Cerimônia. O reflexo dos signos “fazer amor” é, em geral, compartilhado, seria o sexo oriundo de uma intimidade existente, além de ser consensual (subentendido na palavra sexo). A refração, composta pelo negativo: “Não digo fazendo amor, porque não é o que ele está fazendo” (2017, p. 115) não surpreende o interlocutor do texto e é reforçado pela posição da aia, com seus pulsos imobilizados pela Esposa.

Como exposto na contextualização da obra e na breve discussão acerca da passagem bíblica, não há espaço para sentimentos entre Comandantes e aias, trata-se da obrigação destas e do privilégio daqueles. Contudo, mesmo se houvesse algum sentimento afetivo entre as duas figuras, seja amistoso ou até mesmo romântico, é indubitável que seria a exceção e não a norma. Conclui-se, portanto, que, se a Cerimônia instituísse-se em um “fazer amor”, ambas as partes teriam igual protagonismo e haveria alguns sentimentos positivos entre elas.

O segundo signo, “copular”, remete a um discurso biológico e científico; é mais comum esse verbo ser utilizado em referência a animais não humanos (por exemplo, os leões copulam). O substantivo do verbo, cópula, lembra seu sinônimo “coito” encontrado geralmente no mesmo campo discursivo. Não obstante, o reflexo do signo concernir à relação sexual, na natureza, ele é frequentemente associado à ideia de instinto, a uma tendência biologicamente determinada. Offred, porém, explica a inadequação de tal signo, “porque teria como pressuposto duas pessoas e apenas uma está envolvida” (2017, p. 115). A refração no enunciado reafirma o distanciamento da aia no ritual, ela reforça que não faz parte da penetração. Essa afirmação é consoante ao que se repara quando se caracteriza a Cerimônia como o Comandante “foder”.

Por consequência, os exames dos signos “fodendo” e “estupro” parecem mais prolíficos se feitos juntos. Talvez a surpresa ou confusão do leitor surja quando Offred nega o caráter criminoso da Cerimônia, ela diz não se tratar de um estupro. No entanto, como visto, as refrações provenientes de “copular” e “foder” reafirmam a dissociação, a passividade da aia durante o evento: “O que ele está fodendo é a parte inferior do meu corpo” (2017, p.115). Offred não está com o corpo todo presente, é evidente que o ritual diz respeito a sua utilidade que se encontra na parte inferior de seu corpo, mais especificamente em seu útero. O resto é obsoleto, insignificante; ela se separa da parte de baixo de seu corpo e, implicitamente, declara que o próprio Comandante a dissocia de sua metade inferior.

No que diz respeito a essa refração, salienta-se a contextualização feita do romance, na qual se abordaram alguns aspectos referentes à cultura do estupro. Esse distanciamento notável na descrição de Offred reafirma a normalização da violência sexual que, no caso de Gilead, é perpetuada pela Bíblia e pelas vozes que a cercam. Ninguém dirá a Offred que a Cerimônia é um estupro, pois consolidou-se a natureza obrigatória da função da aia: ela deve gerar uma criança, ela deve cumprir seu papel enquanto mulher.

Relembra-se, ainda, dos versículos bíblicos, posto que a aia não passa de uma serva, um objeto através do qual a Esposa busca engravidar: “entra nela para

que tenha filhos sobre os meus joelhos”. No diálogo estabelecido entre os dois trechos, a coisificação do corpo feminino é notória; em diversos momentos, reafirma-se o caráter “recipiente” da aia. As aias são treinadas a cuidarem de si mesmas com o intuito de conservarem sua fertilidade, sua “juventude reprodutiva”, pois no momento que as deixam de ter, perdem seu valor perante aquela sociedade. Uma aia infértil, não é uma aia.

A própria personagem enfatiza ao leitor: “o que está acontecendo neste quarto [...] não tem nada a ver com desejo sexual, pelo menos não para mim, e certamente não para Serena” (ATWOOD, 2017, p. 115). Nesse fragmento, o signo “fodendo” é mais uma vez ressignificado; para Offred, não concerne à atração sexual, ele diz respeito a um ato sexual impessoal. Assim, questiona-se: por que a recusa em caracterizar a Cerimônia como um estupro legal, reconhecido pelo Estado?

A refração do signo “estupro” é evidente: a República de Gilead não considera a Cerimônia um ato de violência sexual, mas uma necessidade para o funcionamento da sociedade, sem esquecer que tem fundamentação bíblica. Offred explica que “nada está acontecendo aqui que eu não tenha concordado formalmente em fazer. Não havia muita escolha, mas havia alguma, e isso foi o que escolhi” (2017, p. 115). Todavia, mais tarde descobrimos que as aias são mulheres que no “mundo antigo” eram pecadoras na perspectiva dos Filhos de Jacob, isto é, divorciadas, amantes e mulheres que engravidaram fora do laço matrimonial.

Desse modo, é possível que Offred nutra uma ilusão sobre a extensão do seu livre-arbítrio quanto se tornou uma aia, mas caso ela realmente tenha recebido a escolha entre ser uma marta ou uma aia, sua escolha é condicionada pela situação em que esteve quando o novo regime foi imposto. As aias recebem alguns poucos privilégios com a finalidade de aumentar suas chances de gravidez e sua saúde íntima. Recusar o papel de “receptáculo” de uma criança talvez significasse ocupar posições de liberdade ainda mais restrita. Outrossim, o discurso gileadiano atesta a grandiosidade dos deveres das aias, sua importância no funcionamento bem sucedido da sociedade. Logo, não se pode saber como ocorreu o provável processo de convencimento, ou melhor, determinação, da posição que Offred ocuparia.

Para além dos signos grifados, a principal refração das descrições da Cerimônia é um estupro, corroborado pela dissociação que a aia expressa, pela passividade esperada dela, pelo fato de ser sua obrigação e pela posição que se encontra: deitada, com os pulsos segurados pela Esposa. Na República de Gilead, houve um processo agressivo de assimilação cultural a ponto de o estupro e suas características serem naturalizadas e incorporadas ao ritual “natural” que conduz à maternidade. Por conseguinte, os comportamentos que sustentam tal processo também tem sua valoração negativa apagada – afinal, o discurso religioso, por mais violento que seja, ou por mais violências que justifique, é divino e irrefutável.

Angela Davis (2017, p. 44) declara que um “mito generalizado é que se uma mulher não demonstra resistência, ela está implicitamente pedindo a violação do seu corpo”. Essa crença é intrínseca à cultura de Gilead e ainda preservada nas sociedades contemporâneas. Offred pode argumentar que não é estuprada, compreende-se tal afirmação em decorrência de múltiplos aspectos, afinal, o

universo ideológico de Gilead não é o mesmo da contemporaneidade, a partir da qual podemos empregar análises feministas. Entretanto, esse olhar contemporâneo, permite que a Cerimônia seja observada por diferentes óticas. O estudo desenvolvido neste artigo, que emprega as noções de cultura do estupro, por exemplo, torna os sentidos refratados pelas descrições da aia evidentes. A violência infligida sobre ela, a sua separação do corpo, o seu reconhecimento de que o Comandante também a separa de sua “metade inferior” e a sua crença de que fez a escolha de se tornar uma aia, todos esses sentidos refratam uma sociedade que normalizou o estupro, tornou-o parte da constituição.

Assim sendo, a análise dos dois enunciados, como dito anteriormente, age como duas partes de um único processo de violência, alicerçado em um discurso religioso. A divisão feita da Cerimônia, em duas partes, atuou de maneira a demonstrar o funcionamento das estruturas sociais de Gilead e em que elas estão fundamentadas. Separar a Cerimônia em uma fase preparatória (as preliminares) e o ato em si contribui para apreender-se a complexidade do evento. Compreende-se que o ritual é adaptado de uma passagem bíblica, lida em seu prelúdio, que relembra a todos os envolvidos o papel passivo da aia e a quem pertencerá a criança que deve resultar do evento. A segunda parte, o estupro, no que lhe diz respeito, demonstra os princípios da bíblia transpostos para a realidade das poderosas famílias gileadianas. Lembra-se que, para uma sociedade teológica, o texto religioso não se caracteriza somente como os parâmetros de uma sociedade organizada, mas é creditado como um discurso científico absoluto, como um referencial teórico que justifica e protege as ações por ele inspiradas. Não se pode questionar a razão maior responsável pelo texto religioso, assim, a ação das forças centrípetas fica evidente.

Encerra-se a análise notando que todo ato, por mais agressivo, opressor e intrusivo que seja, pode apoiar-se sobre uma base teórica, por mais questionável que esta seja, desde que as pessoas “certas” estejam no poder. Esse mesmo processo ocorre no que diz respeito à cultura do estupro: sua manutenção é fruto de uma cultura, uma maneira de pensar que constantemente busca consolidar a normalização de comportamentos machistas e misóginos. Na contemporaneidade, não obstante muito progresso já feito, os Estados ainda são majoritariamente formados por homens que continuam a atuar a partir de uma lógica patriarcal e machista. Como o aviso feito por Atwood, ao caracterizar sua obra como ficção especulativa, talvez o mundo contemporâneo não esteja tão distante da República de Gilead quanto se pode querer pensar.

Considerações finais

No decorrer de *O conto da aia*, Offred emprega signos ideológicos que possibilitam análises de diversas naturezas e de igual importância para aprofundar-se acerca do funcionamento de Gilead e ressignificar as sociedades contemporâneas. O recorte feito da Cerimônia é representativo do elo existente entre a República de Gilead, uma organização social opressora e antidemocrática, e os discursos religiosos violentos praticados. Assim, separou-se a Cerimônia em

dois momentos com o intuito de observar minuciosamente tanto o discurso religioso sobre o qual se fundamenta, bem como de demonstrar o caráter criminal do ato em si.

Nos versículos analisados da bíblia, que integram o romance, percebeu-se a posição subalterna que a aia de Gilead ocupa, apresentando um paralelo com a serva de Raquel, Bilha. Além disso, o exame do trecho bíblico corrobora a falta de livre-arbítrio e de consentimento por parte das aias, encaminhando a conclusão da análise do segundo enunciando – a partir da qual se argumentou ser um estupro. No primeiro enunciado também se discutiu a adjetivação que Offred faz da bíblia principalmente por meio da análise das forças centrífugas e centrípetas em ação.

No segundo momento, direcionou-se o estudo para as refrações dos signos que Offred utiliza ao tentar explicar para o leitor o que seria a Cerimônia. Apesar de negar ser um estupro, o exame dos signos “fazer amor”, “copular” e “foder” permitiram afirmar que a própria aia comprova a sua objetificação e sua dissociação em relação ao que ocorre entre seu corpo e o Comandante. Assim, estabeleceu-se um diálogo com o conceito de “cultura do estupro” explicado na seção de contextualização do artigo. Alicerçado nas refrações dos signos ideológicos, constatou-se que a Cerimônia é indubitavelmente um “estupro legal”, isto é, legitimado pelo Estado de Gilead.

Além disso, expor a repercussão do romance foi fundamental para asseverar a relevância que o livro cultiva através dos paralelos presentes com a contemporaneidade. As relações existentes vão além de direitos femininos reprodutivos e o direito da mulher de dizer não, pois também engloba a relação que muitas vezes continua a estabelecer-se com uma teologia brutal e violenta.

Em suma, utilizou-se a teoria dialógica e enunciativa do Círculo de Bakhtin com a finalidade de examinar as vozes em tensão nos signos ideológicos presentes nos enunciados estudados. Possibilitou-se um estudo problematizador e sustentado teoricamente por estudiosos da análise dialógica do discurso, direcionando-os a um objeto midiático bastante repercutido. Apreendeu-se, portanto, algumas das capacidades do signo ideológico de Bakhtin em refratar realidades, construir sentidos e de que maneira elas permitem uma leitura crítica e questionadora.

Notas

¹ Para saber mais, leia a notícia “Mulheres usam roupas de 'O conto da aia' em ato pela descriminalização do aborto, em Brasília”, do G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2018/08/03/mulheres-usam-roupas-de-o-conto-da-aia-em-ato-pela-descriminalizacao-do-aborto-em-brasilia.ghtml>. Acesso em: 5 de abril de 2019.

² Os enunciados sobre a Cerimônia analisados estão localizados em: (seção) IV – Pertences da casa; capítulos quinze e dezesseis (ATWOOD, 2017, p. 106-117).



³ Os títulos indicados por letra maiúscula (Comandante e Esposa) são uma marca singular no decorrer do relato de Offred. A Esposa é, por um lado, frequentemente referida como Serena Joy. No entanto, o Comandante parece ser despedido de qualquer outra identidade a não ser sua posição.

⁴ Optou-se por referenciar a citação bíblica presente no livro, em razão das possíveis variações em palavras e fraseamento em outras fontes. Como o artigo se dedica à análise de signos, julgou-se importante prezar pela fidelidade ao romance de Atwood, o objeto sob exame.

Referências

- ATWOOD, Margaret. *The handmaid's tale*. New York: Anchor Books, 1998. 314 p.
- ATWOOD, Margaret. *O conto da aia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. 366 p.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 261-306.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2017. 196 p.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 168 p.
- MARSHALL UNIVERSITY. *Rape Culture*. Disponível em: <https://www.marshall.edu/wcenter/sexual-assault/rape-culture/>. Acesso em: 06 abr. 2019.
- RIBEIRO, Djamila. Introdução: A máscara do silêncio. In: RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 7-27.
- RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? In: RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 51-53.
- RIBEIRO, Kelli da Rosa. A polêmica de vozes no discurso da campanha Rasgue o Verbo. *Ação Midiática - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura*, Curitiba, n. 13, p.119-137, jan. 2017.
- VOLÓCHINOV, Valentin. A ciência das ideologias e a filosofia da linguagem. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [1929]*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018. Trad. de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. p. 91-102.
- VOLÓCHINOV, Valentin. Língua, linguagem e enunciado. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [1929]*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018. Trad. de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. p. 173-200.
- VOLÓCHINOV, Valentin. Tema e significação na língua. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [1929]*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018. Trad. de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. p. 227-238.

Para citar este artigo

FREIRE, Luísa. O discurso religioso e violento em O conto da aia: o embate de vozes em A cerimônia. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 3, p. 784-801, set.-dez. 2020.

801

A autora

Luísa Freire é acadêmica do curso de graduação de Licenciatura em Letras Português/Francês, na Universidade Federal do Rio Grande. Bolsista de Iniciação Científica (EPEC) do projeto "Discurso das mídias (e)m análise dialógica: caminhos teóricos e metodológicos", coordenado pela prof.^a Dr.^a Kelli da Rosa Ribeiro.